



MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E PRESIDENTE DO INSTITUTO VOX POPULI

» marcoscoimbra.df@dabr.com.br

O fenômeno Marina

Ninguém tem dúvidas de que foi o desempenho de Marina que levou a eleição presidencial ao segundo turno. Na urna, Serra teve quase exatamente a votação que as pesquisas estimavam. Não houve, portanto, surpresas no que toca sua performance.

Quando, ainda no primeiro semestre, se projetavam as tendências identificadas pelas pesquisas, via-se que seu horizonte era alcançar cerca de 30% do voto total. Mais que um exercício matemático, era aonde se chegava somando três tipos de votos de Serra: a quase metade de São Paulo; os 10% que rejeitam o PT no restante do país; e o voto de quem, sem ser paulista ou antipetista, considerava que ele era o melhor candidato por admirar sua biografia.

Foi o que ele obteve no fim, depois de haver visto ameaçada boa parte dessa intenção de voto. Nas primeiras duas semanas da propaganda eleitoral, Serra caiu a pouco mais que 20%, enquanto Dilma crescia impulsionada pela televisão (e Marina não se mexia). Naquela altura, podia-se imaginar que viesse a terminar aquém do piso estimado.

Sua recuperação deveu-se a dois fatores. De um lado, a candidatura de Dilma foi atingida pela sucessão de "escândalos" deflagrados a partir da última semana de agosto, que sustou seu crescimento e lhe enfraqueceu a imagem. De outro (e em função disso),



Serra iniciou um processo de reocupação natural de espaço. Era pouco razoável, por exemplo, que ficasse tão pequeno no seu estado ou que fosse superado de muito em estados onde Alckmin tinha se saído bem na eleição passada. Com Dilma mais fraca, ele voltou ao que as pesquisas haviam projetado.

O que elas não previam era que Marina chegasse a quase 20% do total. Esse é o fenômeno a entender.

Para começar a discuti-lo, é preciso notar que sua votação teve, ao que tudo indica, dois componentes. Poderíamos chamá-los de "voto antigo" e "novo voto".

De março em diante, Marina Silva sempre teve

"Os novos segmentos do eleitorado que começaram a aderir a ela (Marina), nas duas últimas semanas da eleição, e provocaram o segundo turno não votaram na agenda, mas na pessoa de Marina. É porque gostaram dela que ficaram 'verdes' e não o inverso"

perto de 8% a 9% do voto, mesmo quando Dilma chegou a seu máximo. Ao contrário de Serra, que caiu, ela permaneceu nesse patamar, o que sugere quanto sólido era.

Se quisermos chamar de "verde" uma parte de seu voto, é essa. Na verdade, seria pouco exato dizer que era só isso, pois havia outras dimensões, como a regional (fincada no Norte) e a religiosa (com presença mais que proporcional do voto evangélico). Ou seja, mesmo o voto original em Marina não era exclusivamente "verde", no sentido de ser de quem subscreve a agenda da "sustentabilidade": na Amazônia, muitos votavam nela por ela ser de lá, assim como muitos

evangélicos a preferiam por vê-la como igual.

Mas havia um elemento genuinamente verde nesse "voto antigo", proveniente dos segmentos da opinião pública que privilegiam as questões ambientais nas escolhas políticas. São eleitores que tendem a ser mais urbanos, mais escolarizados, mais informados e politizados, mais "progressistas" nos valores e no comportamento.

Se Marina tivesse permanecido apenas com esse seu voto "antigo", já seria algo importante. Indicaria que uma parcela relevante da sociedade brasileira está tão preocupada com as questões ambientais que vota em alguém porque empunha essa bandeira. Mas ela teve mais que esse.

O "voto novo" só é verde para se justificar. Os novos segmentos do eleitorado que começaram a aderir a ela (Marina) nas duas últimas semanas da eleição, que aumentaram exponencialmente nas vésperas da votação e provocaram o segundo turno, não votaram na agenda, mas na pessoa de Marina. É porque gostaram dela que ficaram "verdes" e não o inverso.

Votaram encantados com a "sinceridade", a "simplicidade" e a "autenticidade" da candidata. Votaram por vê-la como uma pessoa diferente de Dilma e de Serra, mais "humana" e mais "gente". Ou seja: por razões bem diferentes das que haviam levado determinados eleitores ao "voto antigo".

Mas, no fundo, não é estranho que algumas pessoas tenham votado assim: nossa cultura política continua a dar importância (talvez exagerada) à disputa de personalidades nas escolhas eleitorais. Não são todos que ainda pensam dessa maneira, mas são suficientes para, nas condições em que estas eleições transcorreram, levá-las ao segundo turno.